Correio da Manhã

Ano CXXV - Nº 25.138

#cm2

FIM DE SEMANA



Divulgação

O premiado espetáculo que reúne a escritora **Clarisse Lispector** e quatro de suas personagens em um encontro com o público, **conduzido por Beth Goulart,** chega ao Teatro SESC Paulo Gracindo, no Gama, nos dias 7 e 8 de novembro.

Página 15

Simplesmente eu, Clarice Lispector

Divulgação







A exposição tem caráter imersivo e mergulha no universo criativo de artistas e influenciadores que fazem da internet um divã sobre a psiquê brasileira

A nação que fala **por memes**

Primeira grande mostra brasileira sobre o tema chega ao CCBB Rio com 800 obras de 200 criadores e artistas e sugere que a linguagem da internet é tão legítima quanto qualquer vanguarda artística









AFFONSO NUNES

O Brasil fala em memes como fala português: sem pensar, com sotaque e em volume altíssimo. O país figura entre os maiores produtores e consumidores do gênero no mundo, e agora é também o primeiro a dedicar ao fenômeno uma exposição de grande porte. "MEME: no Br@sil da memeficação", que estreia neste sábado (7), no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro, reunindo cerca de 800 criações de 200 produtores de conteúdo e artistas para sustentar uma provocação: a linguagem da internet não é apenas ruído de rede social, mas forma artística plena.

A curadoria é de Clarissa Diniz e Ismael Monticelli, com colaboração do @newmemeseum, perfil que entre 2020 e 2025 chegou a quase meio milhão de seguidores até ser derrubado pela Meta. A dupla parte da memeficação — o processo pelo qual imagens, frases e gestos são apropriados, reproduzidos e transformados, ganhando sentidos novos a cada contexto — para mostrar que essa lógica não nasceu com a web. "Operações como a repetição, a paródia, a sátira e o deslocamento de significados fazem parte da história da cultura há muito tempo", explica Clarissa, que enxerga na mostra uma continuidade entre o Carnaval, os bordões de TV e a zoeira digital.

É nesse gesto que a exposição confere estatuto artístico à linguagem memética.

Ao lado de criadores como Greengo Dictionary, Melted Vídeos e Porta dos Fundos, convivem Anna Maria Maiolino, Nelson Leirner, Gretta Sarfaty, Claudio Tozzi, Regina Silveira e Augusto de Campos — nomes consagrados que, cada um a seu modo, já praticavam a apropriação e o deslocamento antes do primeiro meme circular.

"Memes não são só piadas. São ferramentas políticas, culturais e afetivas. São como o Brasil elabora, disputa e negocia suas diferenças — sociais, raciais, de gênero, estéticas — em tempo real", afirma Clarissa. "Eles não apenas refletem a realidade, mas atuam sobre ela: produzem memória, disputam narrativas, elaboram ficções, geram pertencimento. Enquanto fazemos memes, os memes refazem o Brasil", reforça Ismael.

O percurso, em cinco núcleos, vai do jogo de palavras — com línguas digitais como o tiopês e o pajubá e a eterna Ruth Lemos do "sanduíche-íche" — à política da polarização, passando pelo amadorismo como força criativa e pela vida privada transformada em espetáculo. Há onças-pintadas táteis inspiradas na nota de R$ 50, neons, esculturas, instalações audiovisuais e um debochado "Museu do Homem da Internet". "A exposição parte do humor para provocar uma pergunta: como estamos refazendo o país por meio das suas imagens mais debochadas?", resume a curadora.

SERVIÇO

MEME: NO BR@SIL DA MEMEFICAÇÃO

CCBB Rio de Janeiro (Rua Primeiro de Março, 66, Centro).

De 7/11 a 1/2/2027, quarta a segunda (9h às 20h)

Grátis, com retirada de ingressos na bilheteria ou pelo site www.ingressosccbb.com.br

Dois artistas, uma noite e uma saudade **chamada fado**

Camané e Sara Correia levam o encanto que ecoa das ruas da Alfama e da Mouraria ao Vivo Rio

AFFONSO NUNES

Arlindo Camacho/Divulgação



Maria Rita/Divulgação



Camané e Sara Correia representam a nova geração de fadistas

Essencialmente lisboeta, o fado nasceu nos bairros da Alfama e da Mouraria, tem uma guitarra que não existe em nenhum outro lugar. E mesmo assim é mundialmente reconhecido. Mesmo quem nuca pisou na capital portuguesa é capaz de sentir essa saudade sem endereço. O Vivo Rio recebe nesta sexta-feira (6), às 21h, dois dos maiores nomes vivos do fado. Camané e Sara Correia dividem o palco da casa, com dois shows distintos, na 16ª edição do Festival Fado.

Alfama, Mouraria, Bairro Alto e Madragoa são os quintais onde essa tradição musical urbana aprendeu a andar, cantada por quem nesses bairros vivia e trabalhava. A casa abre duas horas anres da apresentação musical leando ao público a exposição "Os Bairros de Lisboa", com curadoria do Museu do Fado, recuperando imagens e personagens dessas regiões populares que se tornaram fundamentais para a memória fadista.

Sara Correia abre a noite às 21h. Desde o primeiro homônimo, de 2018, a cantora obteve prêmios e projeção no panorama musical, confirmada pela indicação de "Do Coração" (2021) ao Grammy Latino. Em fevereiro, lançou "Tempestade", álbum de 11 canções escritas por mulheres, antecipado por um show esgotado na MEO Arena, em Lisboa — o maior espetáculo de sua carreira até aqui. A fadista conta que o fado virou o bálsamo diário dos seus ouvidos; hoje é ela a referência das gerações mais novas.

Camané dispensa apresentações — mas as merece. O primeiro contato com a música veio ainda em criança, fuçando a coleção de discos dos pais. Aos 13, venceu a Grande Noite do Fado de Lisboa, primeiro degrau de uma carreira que, desde os anos 90, soma discos de forma consistente — de "Uma Noite de Fados" (1995), que inaugurou a parceria com José Mário Branco, a "Horas Vazias" (2021), seu mais recente de inéditas. No meio do caminho, o projeto "Aqui está-se sossegado" com o pianista Mário Laginha, do qual nasceu um álbum indicado ao Grammy Latino. É com temas singulares da carreira e o novo trabalho que ele assume o palco às 22h numa noite de sentimentos à flor da pele.

SERVIÇO

FESTIVAL FADO 2026

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, parquye do Flamengo)

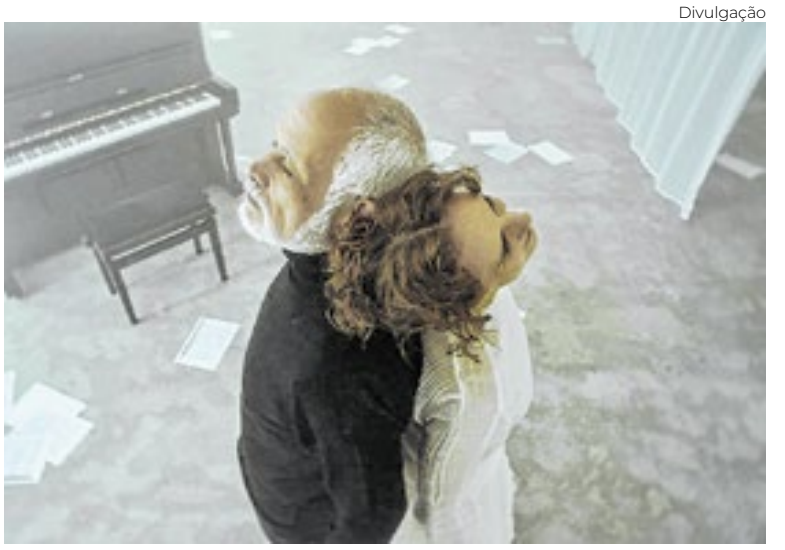
6/11, com shows de Sara Correia (21h) e Camané (22h)

Ingressos a partir de R$ 120 e R$ 60 (meia)

Sonhos em **piano e voz**

Cristóvão Bastos e Ilana Volcov lançam o álbum 'Acariciando', trabalho que bebe na fonte do realismo mágico

Divulgação



Iana Volcov e Cristóvão Bastos exploram tessituras melódicas não convencionais a partir do repertório selecionado

Uma valsa cantada sem palavras. Uma odalisca que rendeu à cantora um prêmio de melhor intérprete. Um disco gravado em Portugal e lançado pela Biscoito Fino que agora, enfim, encontra o público brasileiro em palco. Nesta sexta-feira (6), às 20h, a Acaso Cultural, em Botafogo, recebe o concerto de lançamento de "Acariciando", o álbum em duo do pianista e arranjador Cristóvão Bastos com a cantora Ilana Volcov em trabalho envolto em sonho, mistério e delicadeza.

O espetáculo propõe um balé íntimo e despido entre voz e piano, mergulhado em uma sonoridade fantástica que dialoga com a literatura do realismo mágico. Longe do realismo que domina a música popular, o concerto elege o absurdo, a suspensão do tempo e o afeto como fios condutores.

Sob a moldura precisa do piano de Bastos — autor de arranjos históricos da MPB e a emissão lírica e cristalina de Ilana, as canções ganham contornos de crônicas poéticas e imagéticas.

Na linha do onírico e do absurdo literário, aparecem "Uma Canção Inédita" (Edu Lobo e Chico Buarque), valsa fundada no discurso ilusório, e o lirismo dramático de "Odalisca" e "Ária de Opereta", ambas pinçadas da parceria Guinga e Aldir Blanc. A interpretação de Ilana para "Odalisca" lhe valeu o prêmio de Melhor Intérprete no Festival de Música da Rádio Nacional. A conexão atlântica entre modinha e choro atravessa a faixa-título, de Abel Ferreira e Lourival Faissal, além de "Saudade Intrusa" (Vadico), "Estrada Branca" (Tom Jobim e Vinicius de Moraes) e "Viola de Cigano" (Breno Ruiz e Paulo César Pinheiro). O ápice instrumental vem com "Não Me Digas Não", choro de Bastos e Paulinho da Viola vocalizado sem palavras, que abre espaço ao improviso do piano orquestrador. Fecha o roteiro a força poética de "Coração Imprudente" (Paulinho da Viola e Capinan). Além do repertório do álbum, o duo inclui clássicos fundamentais da nossa canção, e a noite ganha brilho extra com a participação especial de Áurea Martins, uma das vozes mais expressivas de nossa canção popular.

O encontro coroa uma parceria de duas décadas, amadurecida em palcos de peso: o Festival de Choro de Paris, um concerto diplomático para líderes globais na Hannover Messe 2026, passagens pela Casa da Música, no Porto, e pelo B.O.T.A., em Lisboa, e o Brésil de la Musique, na Borgonha (França).

A agenda integra o projeto "Cristóvão Bastos – 80 Anos" — o músico completa oitenta anos em dezembro. **(A.N.)**

SERVIÇO

ACARICIANDO - ILANA VOLCOV E CRISTÓVÃO BASTOS

Acaso Cultural (Rua Vicente de Sousa, 16, Botafogo)

6/11, às 20h

Ingressos entr R$ 55 e R$ 200

Quinze anos **de canções**

Cantor e compositor estreia no Circo Voador o show 'Silva Canta/ Canta Silva', que revisita sucessos como 'Fica Tudo Bem' e 'A Cor é Rosa' em formato intimista

AFFONSO NUNES

O Circo Voador recebe, nesta sexta-feira (6) a estreia carioca de "Silva Canta/Canta Silva", show em que o cantor, compositor, produtor e multi-instrumentista capixaba celebra 15 anos de carreira revisitando o próprio repertório. Ela canta e toca violão, piano, sintetizador e violino, acompanhado por Gabriel Ruy (bateria e programações), Hugo Maciel (baixo) e Rômulo Quinelato (guitarra).

A trajetória do artista começou na internet, com um EP lançado em 2011, e cresceu até os treze álbuns no catálogo — sete deles autorais, de "Claridão" (2012) a "Rolidei" (2026), passando por "Vista Pro Mar" (2014), "Júpiter" (2015), "Brasileiro" (2018), "Cinco" (2020) e "Encantado" (2024) —, além de turnês nacionais e internacionais, indicações ao Grammy Latino pelas releituras e o fenômeno do Bloco do Silva.

Seu maior mérito musical é o de tornar simples aquilo que parece ser complexo. As parcerias que acumulou confirmam seu alcance como "Totalmente Seu", escrita com Marisa Monte e Lucas Silva, e "Palavras no Corpo", feita com Omar Salomão e gravada por Gal Costa.

O marco dos quinze anos foi o gatilho do projeto. "Essa coisa de comemoração é engraçada, né? Porque a gente vai fazendo tanta coisa. Você lança um disco, aí, daqui a pouquinho, você tem uma ideia nova... nunca tirei férias", brinca o cantor, cujo nome de batismo é Lúcio Silva de Souza. "Aí quando você fala: 'Pô, vai fazer 15 anos desde que nasceu meu EP', eu tinha que fazer algo especial."

Nos ensaios, a revisita trouxe surpresas. "Muita coisa que eu não toco desde 2014. Tem coisa que eu nunca mais toquei. E, nessa revisita, eu toquei violino de novo. Fazia muito tempo — meu violino tava pegando teia de aranha", conta. O formato intimista, escolhido depois de anos de palcos grandes, tem razão própria: "No show intimista, você consegue ter a resposta do público quase que instantânea. Você tá tocando aqui e sabe exatamente se o público gostou ou não. Tem uma troca de verdade."

O repertório é essencialmente autoral e percorre canções que aproximaram sua música de diferentes gerações: "Feliz e Ponto", "A Cor é Rosa", "Fica Tudo Bem", "Girassóis", "Brisa", "Júpiter" e "Um Pôr do Sol na Praia", entre outras. A escolha exigiu cortes. "Eu ainda tenho vários arrependimentos, inclusive. Também não dá para ficar mudando toda hora, porque todo mundo se prepara, estuda e faz aquilo ficar bonito", reconhece.

A banda, para ele, é parte do resultado. "Eu sou canceriano. Então tenho um carinho, um apego com meus músicos. Essa troca é muito importante para o trabalho não ficar frio", diz.

Jorge Bispo/Divulgação



Silva conta que resgatou canções que há muito não tocava

A temporada já passou por São Paulo e Salvador e segue para Vila Velha depois do Rio. "Quando eu olho para trás e vejo o que eu consegui conquistar com o que eu tinha, é quase um milagre", confessa o cantor, que começou com um sintetizador emprestado e dez mil reais da tia e hoje tem estúdio próprio.

SERVIÇO
SILVA
Circo Voador (Rua dos Arcos, s/ nº, Lapa)
6/11, às 22h
Ingressos a partir de R$ 180 e R$ 90 (meia)

Mu Chebabi **embarca na vibe circense**

Cantor e compositor recebe convidados especiais em noite regada a música, humor e poesia no palco do Manouche

Mu Chebabi, na música, é do circo: trapezista da prosódia, domador do imprevisto, palhaço da cacofonia. Neste sábado (7), às 20h30, o projeto Tudo é Som! apresenta no Manouche o show "Olha o Circo Chegando", uma noite em que música, humor e poesia celebram a trajetória de um compositor que transforma histórias do cotidiano em canções.

Suas canções são pequenas crônicas musicais, povoadas por personagens que amam, sonham, observam o mundo e, vez por outra, tropeçam nele. Entre sambas, gafieiras e outras aventuras sonoras, Mu brinca com as palavras, desafia as convenções e mistura romance, crítica social, poesia e humor. Nos anos 1990, ficou conhecido pelas músicas criadas para o Casseta & Planeta, trabalho que o levou à produção musical do programa na TV Globo, função que exerceu por 18 anos.

Divulgação



Mu Chebabi

O picadeiro, porém, sempre foi maior. Parceiro de Lenine em "Hoje Eu Quero Sair Só" e de Arlindo Cruz em "Citações" e "Samba da Globalização", tem canções gravadas por Sandra de Sá, Flávio Venturini, Pedro Luís e A Parede, Simoninha e outros. São seis álbuns lançados. No repertório do show, "Que Mulher é Essa?", "A Morena" — tema da minissérie "Gabriela", da TV Globo —, "Pianista do Cinema Mudo", "Seu Zé", "Rebimboca da Parafuseta" e "Bastava". Parceiros e convidados entram em cena para interpretar as canções, cada participação um novo número, uma nova leitura. **(A.N.)**

SERVIÇO
Mu Chebabi
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)
7/11, às 20h30. Ingressos: R$ 160 e R$ 80 (meia e ingresso solidário, levando 1kg de alimento não perecível)

Rita Benneditto mostra sua macumba elétrica na Lapa

Ariel Cavotti/Divulgação



Rita Benneditto

Desde sua estreia, no longínquo ano de 2003, o show "Tecnomacumba" transcendeu o palco: virou manifesto de brasilidade, desmistificou as religiões de matriz africana e abriu caminhos sonoros ao combinar cânticos tradicionais, pontos de terreiro e clássicos da MPB com batidas eletrônicas.

Neste sábado (7), o Circo Voador recebe a celebração de mais de duas décadas do projeto comandado pela cantora maranhense Rita Benneditto.

"Este show é uma homenagem à nossa ancestralidade e uma forma de exaltar a beleza e a potência dos cultos afro-brasileiros", define a artista, que começou a carreira em São Luís aos 15 anos, foi indicada ao Grammy na categoria melhor álbum de pop rock pelo disco "Pérolas aos Povos" e acumula nove álbuns.

Nm país onde essas religiões ainda enfrentam intolerância, o projeto se firmou como plataforma de respeito e memória — e se expandiu para videoclipes, exposições, bloco de carnaval e livro de fotografias. "O mais importante é manter-se vivo, criativo, atento e forte", afirma.

No palco, Rita é acompanhada pela banda Cavaleiros de Aruanda: Fred Ferreira (direção musical e guitarra), Humphry Scott (contrabaixo), Ronaldo Silva (bateria e programação eletrônica) e Júnior Crispim (percussão). O repertório traz "Domingo 23", "Cavaleiro de Aruanda", "É D'Oxum", "Mamãe Oxum" e "7Marias", cujo videoclipe já soma mais de cinco milhões de visualizações. Um novo registro ao vivo do projeto está previsto para 2027. **(A.N.)**

SERVIÇO
Rita Benneditto — Tecnomacumba
Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº Lapa)
7/11, às 22h.
Ingressos a partir de R$ 140 e R$ (meia)

Três na **Bossa**

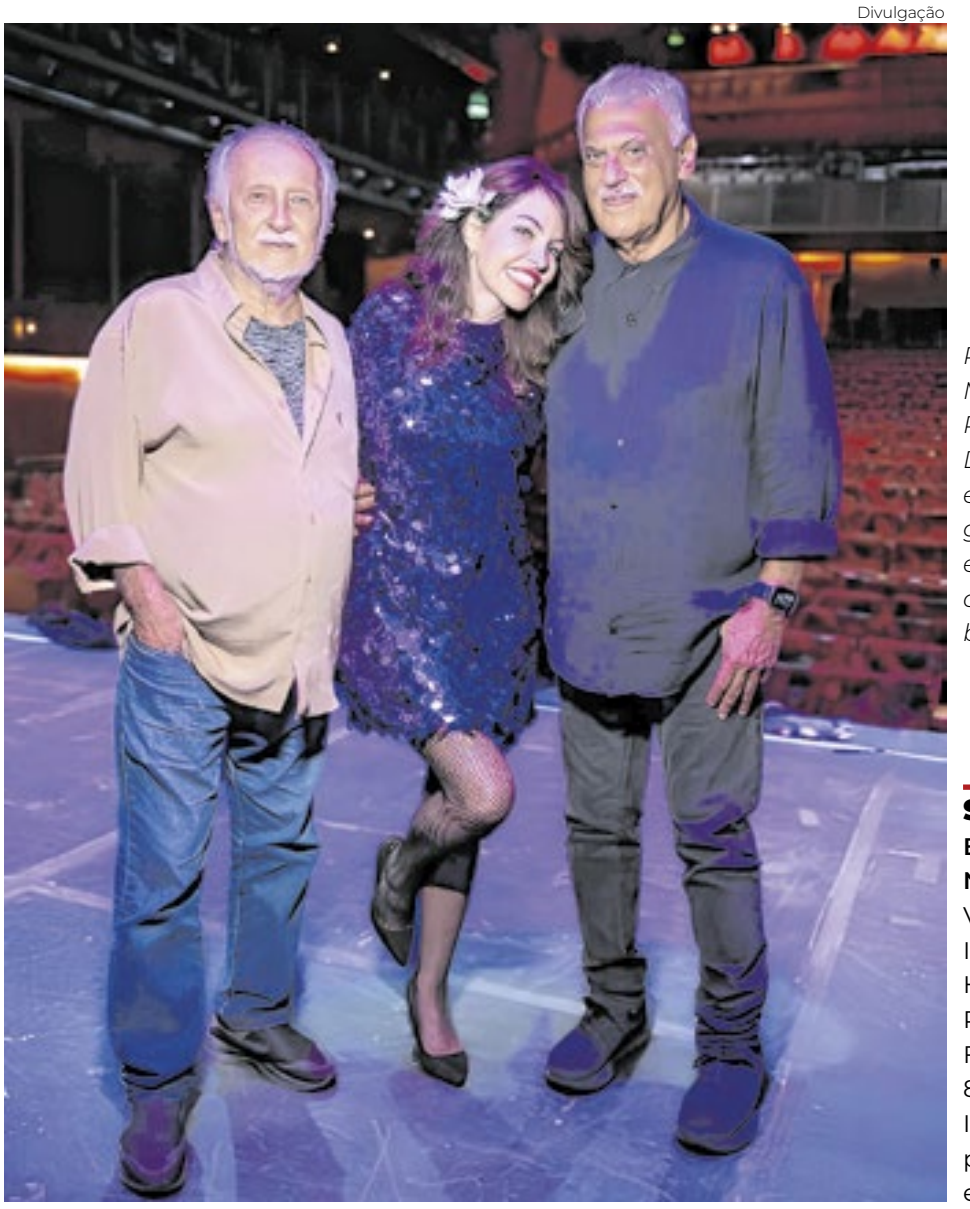
Roberto Menescal, Danilo Caymmi e a cantora Patty Ascher levam ao Vivo Rio repertório clássico do movimento

AFFONSO NUNES

Aos 89 anos, Roberto Menescal continua em turnê. Um dos fundadores da bossa nova — e último sobrevivente do elenco do histórico show de 1962 no Carnegie Hall, em Nova York, que apresentou o gênero ao mundo —, o compositor de "O Barquinho" sobe ao palco do Vivo Rio neste domingo (8), às 19h30, ao lado do cantor e flautista Danilo Caymmi e da cantora Patty Ascher. O espetáculo "Bossa Sempre Nova" percorre as melodias que ajudaram a construir a identidade sonora brasileira mais reconhecida no mundo.

O encontro reúne três trajetórias complementares. Menescal, capixaba de Vitória criado no Rio, foi ao lado de Tom Jobim, João Gilberto, Carlos Lyra e Ronaldo Bôscoli um dos arquitetos do movimento que projetou a música brasileira para o mundo — autor de mais de 400 canções, entre elas "Você", "Nós e o Mar" e "Telefone", e detentor do Prêmio à Excelência Musical da Academia do Grammy Latino. Danilo Caymmi, nascido em 1948, é o filho mais novo de Dorival Caymmi e herdeiro de uma das tradições musicais mais importantes do país, com carreira que mistura a herança paterna, a bossa nova e o jazz. Patty Ascher completa o trio com uma trajetória internacional e uma interpretação sofisticada que dialoga com o jazz e a canção contemporânea.

Divulgação



Roberto Menescal, Patty Ascher e Danilo Caymmi: encontro de gerações em torno da atemporalidade bossanovista

SERVIÇO
BOSSA SEMPRE NOVA
Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo)
8/11, às 19h30
Ingressos a partir de R$ 160 e R$ 80 (meia)

O repertório anunciado é uma sequência interminável de clássicos: "O Barquinho", "Chega de Saudade", "Desafinado", "Água de Beber", "Vagamente", "Andanças", "Casaco Marrom" e "The Look of Love", em arranjos elegantes que preservam a essência do gênero enquanto renovam sua sonoridade.

No palco, os três são acompanhados por uma banda de músicos reconhecidos da cena brasileira: Marco Pontes "Caixote" no piano e na direção musical, Nahame Casseb na bateria, Glecio Nascimento no baixo e Flávio Mendes no violão.

ROTEIRO MUSICAL

POR **AFFONSO NUNES**

Dafé celebra aniversário no palco do Rival

Divulgação



Carlos Dafé chega aos 79 anos nesta sexta-feira (6) e o Teatro Rival Petrobras recebe,ás 19h30, o cantor e compositor para revisitar canções que fizeram dele uma referência do soul brasileiro — como "A cruz", "De alegria raiou o dia" e "Acorda que eu quero ver" — ao lado da Malandro Dengoso, banda de dez músicos, com metais, percussão e vocais. Ingressos a partir de R$ 50.

Pedro Miranda é do samba, do choro e do forró

Pepe Schettino/Divulgação



Pedro Miranda costuma fazer a voz encontrar o pandeiro, mas seu repertório não cabe num único terreiro. Cantor, percussionista, ator e compositor, ele leva à Acaso Cultural, neste sábado (7), ás 20h, um show que passa pelo samba, choro e forró, entre composições próprias, canções de sua trajetória e obras de Chico Buarque, Caetano Veloso, Paulinho da Viola e Pixinguinha. Ingressos de R$ 55 a R$ 120.

Emmano, do reggae às raízes afrobrasileiras

Divulgação



Depois de uma temporada por Portugal e Espanha, Emmano retorna ao Rio com "Minha fé me guia", show do seu novo álbum. Criado na Zona Norte, o cantor passou pelo reggae antes de aproximar tambores, ritmos brasileiros e referências de umbanda em suas canções. Neste sábado (7), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras, ele apresenta inéditas do disco e rearranja pontos clássicos da umbanda. A partir de R$ 50.

Uma gira de amor com o Jazz das Minas

Divulgação



As nove mulheres do Jazz das Minas chegam ao Manouche nesta sexta (6), às 21h, com "Gira de Amor", repertório que trata o jazz como ponto de encontro entre axé, samba, canções autorais e vozes da música preta, de Nina Simone a Elza Soares e Ivone Lara. À frente do piano, da voz e da direção musical está Ifátòkí Maíra Freitas, que fundou o grupo em Luanda, em 2019. R$ 120 e R$ 60 (meia ou solidário, com 1 kg de alimento não-perecível).

CRÍTICA TEATRO | MORRA, AMOR

POR **CLÁUDIO HANDREY** - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Montagem esmerada

Ao lutar contra seus demônios, a protagonista de "Morra, Amor", romance da argentina Ariana Harwicz, estabelece um embate consiga mesma. Adaptado para o teatro pela própria autora, abastece uma arquitetura dramatúrgica impactante.

O esfacelamento dos ideais românticos perante uma crise existencial, na qual chafurda a escritora que vai morar numa casa de campo no sul da França, contra a sua vontade. Uma esposa que rompe com paradigmas domésticos através de um discurso aquecido, sustentado por um fluxo de consciência, transvazando angústias, desespero, dores, infelicidade, encarando de frente seus impulsos intrusivos e involuntários. Uma mulher abarcada por sua ambiguidade: ora pretende pertencer àquele ambiente familiar, ora deseja ardentemente fugir de tudo aquilo, em constante situação-limite. A narrativa expõe a mente da personagem, cujos pensamentos vociferados lhe suprimem a paz interior.

É primorosa a condução de Victor Garcia Peralta, haja vista que dirigir monólogos dificulta a criatividade dos encenadores, já que apenas um ator pode reduzir as possibilidades de desenhos cênicos, mas aqui absolutamente tudo é criativo. Há uma estética visual tocante, na qual Peralta nos envolve todo o tempo, além de todas as filigranas que arquiteta poética e profundamente. Marcas se coadunam com uma fundamentação dramatológica que reverbera teatralmente. Numa tradição hegeliana, a colisão dramática se dá no confronto inevitável em situação de oposição, não é só divergências, é o atrito entre as ideias que produzem consequência. A cena por debaixo do véu é um deslumbramento. Ademais, orienta sua atriz com sensibilidade e sutileza, extraindo e potencializando seu talento.

A competência de Mariana Santos é comprovada na montagem. A atriz instaura um conflito interno que pulveriza diferentes desejos, criando sustentação para legitimar a dramaticidade. Uma corporeidade, amparada por ótimas mãos de Vanessa Garcia, faz com que a intérprete fuja da obviedade. Comediante nata, valoriza seu texto de forma contida, fabricando subtextos repletos de humor, inteligência e sagacidade. Institui velocidade, sem perder nenhuma intenção. A cena que visita os amigos é hilária, sem abrir mão do patético para o qual a narrativa e a direção a conduzem.

Nigga toca contrabaixo e contribui para a experiência sensorial. O cenário de Aurora dos Campos é a beleza que auxilia a direção. Pernas translúcidas desvelam o bosque, que se desvanece assim que a personagem abdica do que lhe oprime, além do véu que sufoca a alma. Karen Brusttolin enroupa a atriz numa camisola salmão esvoaçante que favorece o movimento e simboliza a domesticidade. Ruas laterais e ribaltas enaltecem o clima onírico da montagem, um pino pontua a masturbação e a rebuscada iluminação de Maneco Quinderé propõe uma luz quase toda branca, como se a vida estivesse esmaecida, amalgamando um azul para remeter à memória. Tudo dialoga para que saiamos do teatro nutridos e reflexivos!

Nana Moraes/Divulgação



A competência de Mariana Santos é comprovada na montagem. A atriz instaura um conflito interno que pulveriza diferentes desejos

NA RIBALTA

POR **AFFONSO NUNES**

Divulgação



O negócio da morte

A comédia musical "É o Fim! Ltda" segue em cartaz no Teatro Firjan Sesi Centro até o dia 10. Na trama, três amigos criam uma empresa especializada em velórios personalizados e apresentam o negócio à plateia, convidada a testar o serviço. O espetáculo reflete sobre memória, ancestralidade e a finitude da vida com humor e canções originais, resgatando o gurufim, tradição de herdada dos africanos escravizados. O texto é de Alexandre Dantas com direção de André Paes Leme. R$ 40 e R$ 20 (meia).

Divulgação



Naufragando em risadas

O musical "Titanique", comédia premiada inspirada no filme "Titanic (1997)" é embalado pelo sucessos de Céline Dion. No palco, Alessandra Maestrini interpreta a própria cantora, que narra a tragédia do navio em tom paródico, ao lado de Marcos Veras (Jack), Giulia Nadruz (Rose), Luis Lobianco (Ruth), George Sauma (Cal), Wendell Bendelack (Victor Garber) e Talita Real (Molly Brown). O repertório reúne hits como "My Heart Will Go On". Em cartaz no Teatro Claro Mais RJ até sábado (7). A partir de R$ 25.

Divulgação



O reencontro das irmãs

Com texto de Bruno Cavalcanti e direção de Noemi Marinho, o espetáculo "O Exercício das Crianças" acompanha o reencontro de duas irmãs após quinze anos separadas, por ocasião da morte do pai. Em palco vazio e vestindo apenas preto, as atrizes misturam ficção e realidade e levam o público a questionar onde termina a personagem e começa a intérprete. Em cartaz até domngo (8) no Teatro 2 do Sesc Tijuca. Ingressos a R$ 30, R$ 21 (sócio Sesc) e R$ 15 (meia), com entrada gratuita para pessoas com deficiência.

Miguel Armond



A etapa cultural da Flipiri transforma cartões postais de Pirenópolis em palcos de encontro

Festa Literária ocupa Centro Histórico

16ª Flipiri começa nesta semana em Pirenópolis com mais de 30 atividades culturais e homenagem à escritora Maria José Silveira

REYNALDO RODRIGUES
Especial para o Correio da Manhã

A 16ª edição da Festa Literária de Pirenópolis (Flipiri) já começou, no Centro Histórico da cidade, com programação gratuita voltada à literatura, à educação e à formação de leitores e vai até sábado (7). Com o tema "Raízes e Memórias – Vem 300!", em referência ao tricentenário de Pirenópolis, o evento terá mais de 30 atividades, entre rodas de conversa, palestras, oficinas, lançamentos de livros, apresentações musicais, espetáculos, sessões de cinema, exposição de xilogravuras, caminhada literária, serenata e contação de histórias.

A escritora goiana Maria José Silveira será a homenageada desta edição. Nascida em Jaraguá, ela participará de uma conferência mediada pelo jornalista e escritor Maurício Melo. A escolha também estabelece uma relação com Pirenópolis, cenário presente no romance Farejador de Águas, publicado em 2023, que aborda questões relacionadas ao território, à natureza, à água e à memória.

Graduada em Comunicação pela Universidade de Brasília, antropóloga pela Universidade Nacional Mayor de San Marcos, no Peru, e mestre em Ciências Políticas pela Universidade de São Paulo, Maria José fundou a Editora Marco Zero, em 1980. Sua estreia como romancista ocorreu em 2002, com A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas, obra que percorre cerca de cinco séculos da história brasileira por meio das mulheres de uma mesma família e recebeu o Prêmio Revelação da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

A programação aborda temas como letramento racial, inclusão, saúde mental, bullying, autismo, biblioterapia, memória, ancestralidade e produção literária contemporânea. Também estão previstos encontros sobre fantasia, terror, ficção científica, mercado editorial e relações culturais entre Brasil e Angola. A edição inclui o primeiro Festival de Poesia Infantojuvenil Inverso e atividades sobre a participação de influenciadores digitais na formação de leitores.

As atividades serão distribuídas por sete espaços culturais, entre eles o Theatro Sebastião Pompeu de Pina, o Cine Pirineus, o Colégio Militar, a Casa de Câmara e Cadeia, a APLAM, o Museu do Divino e o Jobim Piano Bar. A programação também ocupará as ruas históricas, com caminhada literária conduzida pela escritora Iris Borges, idealizadora da Festa e presidente do Instituto Cultural Casa de Autores (ICA).

SERVIÇOS

Festa Literária de Pirenópolis
- Etapa: 6 e 7 de novembro
- Local: Centro Histórico de Pirenópolis

BRASÍLIA NOTURNA

POR REYNALDO RODRIGUES

Divulgação



Fairy de Halloween

Brasília recebe neste final de semana (7), mais uma edição temática de Halloween da festa Fairy, no Festival em Casa, no Parque da Cidade. O evento que incentiva o público a ir fantasiados, reúne DJs e artistas em uma programação voltada ao público adulto. Entre as atrações estão Carrie Myers, Victor Eloi, Kessiley b2b Luísa Rodrigues, Ella Nasser e Marceline b2b "Viniiiiiiiiiicius". Esta é a 4ª edição do projeto com foco na tradição do Halloween. Os ingressos são a partir de R$20,00 e a entrada é proibida para menores de 18 anos.

Divulgação



Funfarra em festa

A festa Funfarra celebra 17 anos de trajetória com uma edição especial em Brasília, no sábado (7), a partir das 22h. O evento será realizado na casa Externa e promete reunir o público em uma noite de música e pista de dança. A organização oferece a modalidade de ingresso Entrada Fácil, que garante o acesso por uma fila exclusiva. As cortesias são limitadas às 500 primeiras pessoas ou até 0h e não asseguram a entrada, que depende da capacidade do local. A compra antecipada é indicada para quem deseja agilizar o acesso da festa.

Reprodução



Festa da Taylor em Brasília

Brasília recebe, nesta sexta-feira (6), a festa "Taylor's Version Night: The Encore", uma celebração das músicas de uma das cantoras mais populares do mundo. O evento, que retorna após uma longa pausa, será realizado das 22h às 4h, no Anexo BZ, localizado no SAAN, com programação voltada aos gêneros pop e indie pop. A festa é organizada pela equipe Taylor's Version Night, em parceria com o Hype Pop Club. A entrada é permitida apenas para maiores de 18 anos. Os ingressos estão disponíveis pela plataforma Shotgun.

SEXTOU! UM DF DE C

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

Divulgação



"Teatro de Brinquedo – Curupira, o Guardião das Matas"

TEATRO

Teatro de Brinquedo

✱O projeto "Teatro de Brinquedo – Curupira, o Guardião das Matas" realiza suas últimas apresentações no DF em novembro, com espetáculos gratuitos em escolas públicas da Regional do Gama. A iniciativa, apoiada pelo FAC-DF e pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal, utiliza a figura do Curupira para abordar a preservação ambiental com crianças. A programação inclui rodas de conversa e oficinas de construção de personagens em miniatura e técnicas de encenação. Nesta sexta-feira (06), haverá apresentação no EC 10. No dia 12, outras 2 sessões serão realizadas no EC 29.

Ausência Presente

✱O espetáculo Ausência Presente, escrito e interpretado por Débora Almeida, será apresentado de 12 a 14 de novembro, no Complexo Cultural de Samambaia. Com direção artística de Ilgner Boyek, o monólogo aborda o abandono paterno por meio da história de Lilia, personagem que busca lidar com a ausência do pai. A montagem combina humor, música e elementos autobiográficos. A programação tem entrada gratuita e contará com intérprete de Libras, audiodescrição e monitoria acessível em todas as sessões. O projeto recebe recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF).

A Tecelã

✱O espetáculo A Tecelã das Noites realiza oito apresentações para estudantes do Distrito Federal, de 3 a 6 de novembro, no Centro Educacional Jardins Mangueiral. Inspirada na obra As Mil e Uma Noites, a montagem utiliza teatro e música ao vivo para discutir feminicídio, machismo e violência contra as mulheres. Dirigido por Sulian Vieira e César Lignelli, o projeto inclui material didático, palestras e debates com os estudantes.

CINEMA

A Voz dos Silenciados

✱O documentário "Nação Ubuntu – A Voz dos Silenciados" terá pré-estreia gratuita em 10 de novembro, às 15h, no auditório do CECON – Centro de Convivência Ceilândia Sul, em Ceilândia. O projeto Nação Ubuntu, desenvolvido pela Fraternidade Sem Fronteiras (FSF), promove ações de educação, segurança alimentar, formação profissional e geração de renda. Com direção de Paulo Henrique Fontenelle e produção de Iafa Britz, o filme tem estreia nacional prevista para 12 de novembro.

Divulgação



Documentário "Nação Ubuntu – A Voz dos Silenciados"

Vicentina Pede Desculpas

✱O Cine Brasília recebe, de 5 a 11 de novembro, uma programação com estreias. O destaque é Vicentina Pede Desculpas, novo filme de Gabriel Martins, que acompanha uma mãe em busca de respostas após a morte do filho em um acidente de ônibus. A grade também inclui Digger, com Tom Cruise, a homenagem ao cineasta polonês Andrzej Wajda, o II KinoToy Fest e a Mostra Competitiva de Cinema Negro Adélia Sampaio. Os ingressos custam R$ 20 (inteira) e R$ 10 (meia), com valores reduzidos às terças-feiras. Algumas sessões têm entrada gratuita.

PROJETO

Projeto musical

✱O projeto DF Inventivo – Criação, Produção Musical e Formação realiza oficinas gratuitas nesta quarta-feira (4), no Centro de Ensino Especial 02 de Ceilândia, das 13h às 15h30, e sexta-feira (6), no Espaço de Cultura, Cidadania e Arte do Paranoá (ECCAP), das 8h às 10h30. Idealizada pela flautista e compositora Thanise Silva, a iniciativa tem apoio do FAC-DF e atende estudantes de 10 a 17 anos. As atividades incluem experimentação sonora e criação de músicas coletivas.

Divulgação



Estudantes criam e gravam suas próprias músicas

Charly García

✱O livro "Pasajero en trance – Uma história de Charly García no Brasil", do jornalista Diego Queijo, será lançado em 14 de novembro, das 14h às 18h, na Oto Livraria, na 302 Norte, em Brasília. A obra reúne mais de 80 entrevistas realizadas durante 2 anos de investigação sobre as passagens do músico argentino pelo Brasil ao longo de 3 décadas. Entre os entrevistados estão Gilberto Gil, Pedro Aznar, Charles Gavin e Paulinho Moska. O livro aborda encontros, shows, gravações e o intercâmbio.

Festival Esportivo BSB

✱O Festival Esportivo BSB chega à 2ª edição com atividades

OPÇÕES DE LAZER

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação



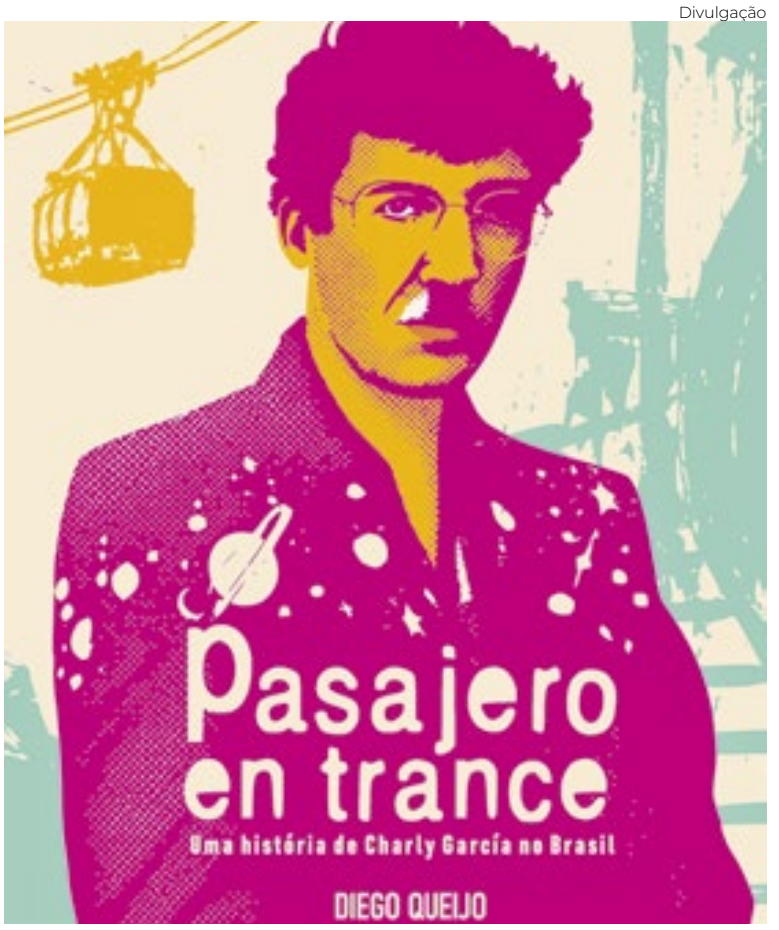
Espetáculo A Tecelã das Noites

Divulgação



Para ver, tocar e sentir: exposição gratuita em Brasília

Divulgação



Livro sobre Charly García ganha lançamento

A?don Bicalho



Últimos dias para descobrir outras formas de sentir e criar

Divulgação



Espetáculo sobre ausência paterna

gratuitas de futebol de base, futsal e eFootball no Distrito Federal. Promovida pelo Instituto Sociocultural Humanidade Diversificada e Unida (HDUN), em parceria com a Secretaria de Estado de Esporte e Lazer do Distrito Federal, a iniciativa prevê atender diretamente 740 crianças, adolescentes e jovens e alcançar outras 2,5 mil pessoas.

MÚSICA

Galpão 17 celebra Cazuza

✱O Galpão 17 recebe nesta sexta-feira (6), a partir das 20h, a programação "Louca Vida", dedicada ao rock brasileiro e à obra de Cazuza. A noite terá o show Emy Canta Cazuza, apresentação da banda Maiores Abandonados e discotecagem do DJ Wendel Sousa. Os ingressos antecipados custam R$ 20 sem ecocopo e R$ 25 com o item, com valores válidos até as 20h. Todas as entradas são de meia-entrada social. A doação de 1 kg de alimento não perecível é opcional. Motociclistas, garupas e crianças de até 12 anos têm entrada gratuita.

Clube do Choro

✱O pianista, cantor e compositor Telo Borges se apresenta com a banda Ventos Solares e o guitarrista Haroldinho Mattos em 13 de novembro, às 20h30, no Clube do Choro de Brasília. O show "Viva Minas" reúne músicas do Clube da Esquina e composições autorais do artista, vencedor do Grammy Latino. O repertório inclui canções como "Vento de Maio", "Tristesse", "Voa Bicho" e "Cais". Os ingressos custam R$ 100 (inteira) e R$ 50 (meia-entrada solidária, mediante doação de 1 kg de alimento não perecível).

Orquestra de Bandolins

✱A Orquestra de Bandolins de Brasília apresenta neste domingo (8), às 16h, o concerto "200 Anos do Bandolim no Brasil", no Teatro Sesc Paulo Autran, em Taguatinga Norte. A entrada é gratuita, mediante doação de 1 kg de alimento não perecível. Sob regência de Fernando Duarte, a apresentação reúne obras de Vivaldi, Mozart, Ernesto Nazareth, Jacob do Bandolim e Hamilton de Holanda.

EXPOSIÇÃO

Delirar a Vida

✱A exposição "Delirar a Vida | Refazer o Mundo" fica em cartaz no Museu Nacional da República até domingo (8). Com curadoria de Tânia Rivera, a mostra reúne 70 obras físicas e 136 digitais de artistas de diferentes regiões do país. A programação de encerramento começa às 16h, com a roda de conversa "Fazeres coletivos". A partir das 18h, haverá a performance "As passagens", da Cia Atravessa a Porta, e show da banda Maluco Voador com participação do Bloco do Rivotrio. A iniciativa integra a 2ª edição de "Desalinhos e Costuras — Arte e Loucura".

Para ver, tocar e sentir

✱A exposição "Cerrado Cósmico", de Lemuel Gandara, será aberta em 4 de novembro, na The Gallery Fernanda Curado, em Brasília. A mostra reúne pinturas, esculturas e instalações, incluindo obras táteis e olfativas para ampliar o acesso de pessoas cegas e com baixa visão. A visitação gratuita segue até 18 de dezembro, com oficina de produção artística sustentável.

Divulgação



Gessica Généus em Marie 'Madeleine, Uma Mulher Livre'



A Grande Estreia

Entre areias e telas do Marrocos

Suntuoso e aberto à reflexão, o festival de Marrakech convoca Marion Cotillard para chefiar seu júri e faz a primeira chamada de vozes autorais para sua grade, incluindo Fellipe Barbosa

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Famoso por ter os júris mais estelares de todas as competições cinematográficas, o Festival de Marrakech, no Marrocos, abrirá uma vez mais suas telas para cineastas de verve autoral de 20 a 28 de novembro, a partir de uma comédia pilotada pelo ator Jesse Eisenberg que periga ganhar uma série de Oscars: "A Grande Estreia" ("The Debut"). O riso pontua a abertura da 23ª edição daquela maratona cinéfila anual.

Dela constam 76 títulos de 39 países. Um dos destaques da seleção é a presença do brasileiro Fellipe Barbosa, que apresenta "Leila e a Noite" ("Leila et la nuit"), produção inspirada na vida da fotógrafa marroquina Leila Alaoui. O longa, protagonizado por Roschdy Zem e Marina Foïs, terá estreia mundial em mostra de gala.

Envolvida nas comemorações dos 20 anos de "Piaf - Um Hino Ao Amor", que lhe rendeu um Oscar, em 2008, Marion Cotillard estará na presidência do time de juradas e jurados. A programação está repleta de potenciais sucessos de público e cults, alimentando parte de uma tradição histórica daquele recanto da África árabe, que sempre atiçou o imaginário de grandes estúdios planeta adentro.

O Marrocos cede seu território para sets de filmagem desde 1897, quando emissários dos Irmãos Lumière estiveram por lá. Até o fim da II Guerra muitos filmes estrangeiros foram rodados nos limites de suas fronteiras, especialmente na região de Ouarzazate, embora o título historicamente mais famoso a abordar sua geografia, "Casablanca" (1942), com Humphrey Bogart, seja uma produção captada em estúdios hollywoodianos. Muito do que se fazia lá, com o rótulo de "filme marroquino", era uma xerox do cinemão melodramático do Egito, sem identidade própria. Tudo mudou em 1970, quando o diretor Hamid Benani, hoje com 85 anos, filmou "Wechma" (também chamado de "Traces"), que inaugurou uma estética sintonizada com a cultura daquela pátria. Começou ali uma primavera cinematográfica que fez florescer cults de repercussão internacional como "Les Mille Et Une Mains" (1973), "El Chergui" (1976), o mítico documentário "Trances" (1981), "Amok" (1983), "Badis" (1988), "La Plage Des Enfants Perdus" (1991), "Quand Le Soleil Fait Tomber Les Moineaux" (1999) e "Marock", ímã de aplausos para a diretora Laïla Marrakchi, em Cannes, em 2005. As gerações que brotaram na década de 1970 deram frutos e inspiraram vozes autorais como Maryam Touzani, badalada por "O Caftan Azul", de 2022, e "Calle Málaga", com a espanhola Carmen Maura.

Inaugurado há 24 anos numa iniciativa do Rei Mohammed VI para fomentar intercâmbios culturais, a festa marroquina do cinema se articula com festivais do Cairo, de El Gouna e do Mar Vermelho a fim de mobilizar olhares (e mercados produtores e exibidores) do norte da África e do Oriente Médio. Em 2018, Robert De Niro foi homenageado lá e ganhou uma festa com direito a cupcakes decorados com o seu rosto esculpido no glacê. No ano seguinte, o mesmo se passou com Robert Redford. Em 2025, os mimos foram para Jodie Foster, com direito a uma palestra de Kleber Mendonça Filho na abertura do festival e presença de Karim Aïnouz como jurado.

Nesta 23ª edição, os tributos ainda serão anunciados. Além do filme de Fellipe Barbosa, as seções paralelas de Marrakech recebem John Turturro para badalar "O Último Batedor de Carteiras de Nova York" ("The Only Living Pickpocket in New York"), de Noah Segan, enquanto James Gray, que já presidiu júri lá, retorna ao festival com "Paper Tiger", thriller com elementos de drama familiar. Luca Guadagnino participa com "Artificial", sobre a ascensão de Sam Altman, fundador da OpenAI, interpretado por Andrew Garfield. Também está na seleção "Morangos" ("Strawberries"), de Laïla Marrakchi, escolhido pelo Marrocos para representar o país na corrida ao Oscar.

A mostra Horizontes reúne 21 produções e aposta na diversidade do cinema contemporâneo, com trabalhos de realizadores consagrados como Ryusuke Hamaguchi, Cristian Mungiu, Pawel Pawlikowski, Hirokazu Kore-eda e Nanni Moretti. O programa também abre espaço para produções árabes e africanas, incluindo "Cidadão Osama" ("Citizen Osama"), documentário de Ahmed Hassouna sobre Gaza, "Dao", de Alain Gomis, e "Clarissa", dos irmãos Arie Esiri e Chuko Esiri.

OS 14 FILMES DA COMPETIÇÃO OFICIAL

"ALKEBULAN" — Yassine Marco Marroccu — Marrocos, Hungria e Catar.

"BEN'IMANA" — Marie-Clémentine Dusabejambo — Ruanda, Gabão, França e Noruega.

"SOMBRAS DO CAIRO" ("CAIRO SHADOWS") — Rani Massalha e Salem Massalha — França, Bélgica, Tunísia e Egito.

"CRÔNICAS DOS ANOS DE CERCO" ("CHRONICLES FROM THE SIEGE") — Abdallah Al-Khatib — Argélia, França e Palestina.

"GAROTO DO CONGO" ("CONGO BOY") — Rafiki Fariala — República Centro-Africana, França, República Democrática do Congo e Itália.

"UM DIA NA VIDA DE JO: CAPÍTULO PHAEDRA" ("A DAY IN THE LIFE OF JO: CHAPTER PHAEDRA") — Jacqueline Lentzou — Grécia, Alemanha e França.

"EKLIPSE" — Manuel Wetscher — Áustria e Itália.

"FÚRIAS" ("FURIES") — Rami Kodeih — Líbano e Brasil.

"A CASA DO VENTO" ("HOUSE OF THE WIND") — Auguste Bernard Kouemo Yanghu — Camarões, França, Bélgica, Benim, Arábia Saudita e Catar.

"MARIE MADELEINE" — Gessica Généus — França, Haiti, Bélgica, Luxemburgo e Canadá.

"NOSSA PORÇÃO DE AREIA" ("OUR SHARE OF SAND") — Shalini Adnani — Reino Unido, Índia e Grécia.

"GAROTAS TRISTES" ("SAD GIRLZ") — Fernanda Tovar — México, Espanha e França.

"ONDAS DE SILÊNCIO" ("WAVES OF SILENCE") — Farzad Samsami — Noruega, Marrocos e Suécia.

"O MUNDO DE ANTES" ("THE WORLD BEFORE") — Yoon Dan-bi — Coreia do Sul, Japão e França.

Zé Celso vence demandas **e ilumina telas**

Noilton Nunes trabalha no resgate de 'O Rei da Vela', filme que fez com o diretor teatral de São Paulo a partir da montagem lendária de Oswald de Andrade, feita há seis décadas

Divulgação



Cena de 'O Rei da Vela', longa de Noilton (ao lado) inspirado na montagem de Zé Celso para o texto de Oswald de Andrade encenado em 1967 (abaixo)

Reprodução Facebook



Acervo pessoal



RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Envolvido na criação de um projeto de ficção avesso os códigos comerciais que apelida de Made in USA, numa crítica ao colonialismo, Noilton Nunes anda às voltas com recordações (e criações) que fazem interseção entre sua obra polifônica e a cosmogonia teatral de José Celso Martinez Corrêa (1937–2023), o eterno Zé Celso. Entre 1979 e 1982, os dois conceberam "O Rei da Vela", uma experiência cinematográfica de vanguarda que transpõe para o audiovisual a irreverência antropofágica de Oswald de Andrade (1890–1954), escritor, poeta e um dos mais controversos expoentes do Modernismo brasileiro.

O encenador paulista e o documentarista carioca combinaram teatro, cinema e vídeo numa colagem estética e política que desafia as convenções da linguagem e confronta as estruturas de poder da sociedade. O experimento que fizeram, coroado com um Kikito de Melhor Montagem, em Gramado, voltará ainda a ser exibido no Brasil em uma homenagem a Zé Celso, que completaria 90 anos. A primeira sessão está programada para 8 de janeiro de 2027, nas salas do Estação Botafogo, no Rio de Janeiro.

"Na última vez em que encontrei o Zé Celso, conversamos sobre exibir o filme no Teatro Oficina para que os letreiros do filme pudessem ser vistos dentro dos locais onde foram pintados e, posteriormente, demolidos, sem deixar vestígios. Também a projeção não poderia ser como as tradicionais. Projetor num lado e tela no fundo. Deveria ter vários telões espalhados pelo moderno espaço do Oficina", conta Noilton.

"Pro Zé Celso, o tempo de duração do filme, de 240 minutos, não era problema, pois ia passar como passam as peças do Oficina, com três ou quatro horas de duração. O desejo dele, este sonho dele, não teve tempo para ser realizado. Agora vai... E vai ser uma experiência audiovisual sem precedentes. Em 2027, faremos várias homenagens pelos 90 anos do José Celso com exibições de 'O Rei da Vela' em várias cidades do Brasil. Estamos trabalhando com jovens que estão muito animados com a possibilidade de fazer o filme renascer das cinzas".

Interpelado sobre esse resgate pelo Correio, Noiton mandou um trecho de um texto, para ser lido em inglês, durante apresentações no exterior, como uma passagem pela galeria Tate: "A oitava arte chegou para ficar. O que é? É a junção de todas as artes com as forças de todas as modernas tecnologias de comunicação. O que acontece aqui e agora pode ser visto instantaneamente em todo o mundo. Oswald de Andrade é o Shakespeare brasileiro. Escritor e dramaturgo, foi um dos fundadores do Movimento Antropófago. Foi uma das personalidades mais polêmicas do Modernismo", descreve Noilton.

Ao lado de Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, do escritor Mário de Andrade e de outros intelectuais, Oswald organizou a Semana de Arte Moderna de 1922. Em 1924, lançou o Manifesto Pau-Brasil. Explicando o nome do manifesto, o autor diz: '"Pensei em fazer uma poesia de exportação. Como o pau-brasil foi a primeira riqueza brasileira exportada, proponho, assim, que o Brasil devore a cultura estrangeira e crie uma cultura revolucionária própria".

Oswald percebeu que o Brasil e toda a sua multiplicidade cultural, desde as variadas culturas autóctones dos índios até a cultura negra, representavam uma vantagem e que, com elas, se poderia construir nossa identidade, renovando as letras e as artes. "A poesia tem que ser revolucionária. A poesia existe nos fatos", dizia o autor.

O manifesto oswaldiano propõe a descolonização do Brasil pelas vias de um levante popular. Inspirado explicitamente em Marx, Freud, André Breton, Montaigne e Rousseau, ataca a herança portuguesa e o padre Antônio Vieira. "Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade."

A antropofagia, segundo Oswald, é guerreiro se alimentando de outro guerreiro forte, para assimilar o que ele tem de melhor. E como a literatura brasileira vivia em crise de identidade, Oswald resolve a questão: "Devemos ser antropofágicos com a cultura europeia. Devemos comê-la e digerir tudo aquilo que ela tem de bom, devolvendo tudo na forma de uma produção superior, com muito senso de humor e crítica".

Memórias de encenação

Morto em 6 de julho de 2023, aos 86 anos, em decorrência de complicações provocadas por queimaduras sofridas num incêndio em seu apartamento, Zé Celso dirigiu em 1967 a histórica montagem de "O Rei da Vela", peça escrita por Oswald em 1933 e publicada em livro em 1937, considerada um marco do teatro antropofágico e uma das manifestações artísticas precursoras do Tropicalismo. A ideia de Noilton é despertar memórias da encenação. Com ela, despertam-se brios de guerra.

Existe uma ideia de Brasil que atravessa o cinema de Noilton: a de um país resiliente, capaz de sobreviver às suas próprias contradições, reinventar-se diante das adversidades e encontrar na cultura uma ferramenta de resistência. Cineasta que ganhou projeção na década de 1970 com trabalhos de espírito libertário, como "Leucemia – O Filme da Anistia", Noilton construiu uma filmografia atravessada pela inquietação política, pela experimentação e por uma disposição quase artesanal de investigar a história brasileira. Essa vocação permanece em obras como "Sigilo Eterno" (2018) e no monumental "A Paz é Dourada", ao qual dedicou quase duas décadas de trabalho, estabelecendo um diálogo cinematográfico com os sertões e o pensamento de Euclides da Cunha (1866-1909).

Nascido em Campos dos Goytacazes, no interior fluminense, Noilton é daqueles realizadores cuja dimensão artística não cabe inteiramente nos registros de uma enciclopédia. O "Dicionário de Cineastas Brasileiros" (1990), importante referência da literatura cinematográfica nacional, define-o como "documentarista e técnico (fotógrafo e montador) especializado em filmes didáticos e científicos". A descrição contempla uma parte importante de sua trajetória, inclusive sua contribuição como pesquisador e professor, mas não alcança a poesia que existe em seu olhar sobre o mundo.

CRÍTICA FILME | **OS FAROFEIROS 3**

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Farofa com gosto da ‘Sessão da Tarde’ dos anos 1980 e 90

Depois do nado de braçada de Mônica Martelli e Ingrid Guimarães em “Minha Melhor Amiga” - e seus 6 milhões de pagantes -, voltou a se abrir o oceano das possibilidades de sucesso para a comédia nacional, antes represado pelas barreiras das patrulhas ideológicas politicamente castradoras.

Não foi só aqui, aliás. A vitória de “Todo Mundo Em Pânico”, ao derrotar o modo woke de He-Man no vergonhoso “Mestres do Universo” de Travis Knight, provou que o riso livre e feroz pode ser a maior diversão. Junte a ele o êxito espantoso de “O Diabo Veste Prada 2”, ao faturar US$ 693 milhões.

O sinal alarmante do momento é: uma filmografia plural como a nossa não pode subsistir com um só blockbuster ao ano, pois isso viria a distorcer o pouco equilíbrio de mercado que temos. Assim, o desafio agora é encontrar outro arrasa-quarteirão e, nesse sentido, o diretor Roberto Santucci é uma grife.

Seu nome aparece nove vezes na lista de longas-metragens nacionais com mais de um milhão de espectadores, feita pela Ancine e pelo portal Filme B. Duas dessas inclusões são fruto da cinessérie “Os Farofeiros”, gestada por ele à luz da sagacidade irônica de Paulo Cursino, roteirista pole position do país quando o papo é dar lucro.

O primeiro, de 2018, vendeu 2.604.733 entradas; e o segundo, de 2024, levou 1.880.324 cinéfilos a multiplex. A parte 3 – a mais hilária da saga – acaba de chegar. Veio para desopilar os ânimos de um país polarizado, contando com uma direção de arte estonteante, que eleva o prestígio de Fabiana Egrejas.

O humor de “Os Farofeiros” não é pra quem quer... é pra quem pode... rir, livremente, apesar da foice dos patrulhamentos diversos que hoje assombram a gargalhada. Esse terceiro – e mais afetuoso longa da trilogia, sentimental até o limite de não embotar a tiração de sarro – explora melhor o conceito de aliança entre seus personagens. Conceito que parece refletir a conexão de seus criadores, por trás das câmeras (na direção de fotografia marota de Marcelo Brasil).

Unidos durante a feitura do êxito comercial “De Pernas Pro Ar”, em 2010, Santucci e Cursino fundaram universos franquiados (sobretudo o ótimo “Até Que A Sorte Nos Separe”, que hoje tem um quarto título no forno), consagraram nas telonas estrelas já famosas na TV (o colosso Leandro Hassum, sobretudo) e emplacaram via streaming o filme de Boas Festas mais bem acolhido (e mais encantador) de nosso audiovisual: “Tudo Bem No Natal Que Vem” (2020). Fizeram tudo isso sempre peitando interditos morais, numa estrutura classificada com uma expressão por vezes indigesta na indústria: a “neochanchada”.

Desirée do Valle/Divulgação



As famílias de ‘Os Farofeiros’, com o impagável Rocha (Charles Paraventi) à frente, rumam para o Caribe

O termo, cunhado em 2012, refere-se a longas-metragens de humor que retratam as subjetividades das classes que “emergiram” no Brasil (ou seja, ampliaram seu poder de consumo) nos últimos 24 anos, desde a primeira eleição de Lula, invertendo o cogito cartesiano de “Penso, logo, existo” para “Consumo, logo, sou... logo, posso”).

A dinâmica consumista, numa bolha de crédito, num engatilhar contínuo do Pix, empoderou quem antes era só um número de CPF. Classes que passaram a ter nome e sobrenome (não do Cerasa, mas no expediente de compra de grandes lojas), pagando sua autonomia individual a crédito, em dezes vezes sem juros, passaram a exigir uma dramaturgia que as singularizasse.

Era preciso um de ficção que desse conta dos perrengues das contas a pagar e dos rearranjos que emergir socialmente assegurava. Cursino e Santucci sacaram essa demanda e satisfizeram com traços de humanismo, dignos do melhor da screwball comedy dos EUA, trocando o cinismo das crônicas de costume por risadas em formato varejão, com heróis do lúmpen... e farofa.

Seu Exército de Brancaleone agora vai para o Caribe, tendo a figura de Rocha como eixo de movimentação, e não só pelo fato de seu intérprete, Charles Paraventi, estar incorporado com os antigos espíritos de Aristófanes, fazendo a gente rachar o bico a cada aparição. Desta vez, Rocha decide bancar o casamento da filha, na ilha caribenha fictícia de San Martinez. Vanete (o cartum humano Elisa Pinheiro, sempre inventiva), sua companheira, parece feliz, mas tem lá suas apreensões. Todo pimpão, o pai casamenteiro convida seus fiéis parceiros de trabalho Alexandre (Antônio Fragoso, num timming impecável), Lima (o pinball vivo Maurício Manfrini, de gogó certeiro) e Diguinho (Nilton Bicudo, o Jerry Lewis do rolê). Chama ainda as consortes respectivas de cada um, Renata (Danielle Winits), Jussara (Cacau Protásio) e Ellen (Aline Campos, a Goldie Hawn do Brasil, mais afiada a cada filme). Vai geral para a celebração, e o melhor: com tudo pago. O cenário é idílico. A previsão do tempo é de sol a granel. Há promessas de praia azul-turquesa, drinks com guarda-chuva, resort de luxo e uma linda cerimônia à beira-mar. Contudo, dado o histórico das férias anteriores do grupo, é recomendada cautela. O voo já é o engasgo que precede o esporro. A montagem de Vicente Kubrusly encontra o frenesi certo.

Por “certo”, leia-se uma mistura singular da brasilidade “chanchadística” (à moda Oscarito, Zé Trindade e Grande Otelo) com a “Sessão da tarde” dos anos 1980 e 90, em que a gente via Dan Aycroyd, John Candy e Steve Martin repensarem o sentido da vida... pela dinâmica da amizade. Santucci e Cursino encontraram uma ponte única entre a comicidade (bem) dublada pela BKS, a Herbert Richers e a Telecine com um espírito carnavalesco que constitui essa nação.

Por vezes, o uso de certos termos e representações hoje “cancelados” pode irritar alguns, em parte por Cursino e Santucci operarem nas raias da provocação. Estão bem escudados num elenco em plena covalência, que, unido, ressalta o quanto Danielle Winits virou um reator nuclear de piadas a cada gesto, num amadurecimento – entre o teatro e a telona – que faz dela a Dercy Gonçalves da hora, sem palavrões, na graciosidade de sua graça iluminada.

PRIMAVERA DOS LIVROS RJ

Em sua 25ª edição, a feira das editoras independentes ocupa o MAR neste fim de semana com homenagem aos 90 anos de Silviano Santiago

Divulgação



O pilotis do Museu de Arte do Rio, na revitalizada Praça Mauá, recebe a Primavera de Livros pela segunda vez

A primavera das pequenas editoras

AFFONSO NUNES

O Museu de Arte do Rio (MAR) recebe neste fim de semana, pelo segundo ano consecutivo, a Primavera dos Livros. Organizada pela Liga Brasileira de Editores (Libre), associação que reúne cerca de 200 casas editoriais de pequeno e médio porte, a feira chega à sua 25ª edição com mais de 60 editoras distribuídas em 50 estandes, além de debates, lançamentos, sessões de autógrafos, oficinas e contação de histórias. O tema que orienta a edição é "Micropolíticas para um futuro possível", e o slogan, "Bibliodiversidade em rede".

"As conversas e atividades desta edição partem da convicção de que pequenas ações, assumidas no cotidiano de quem faz e de quem lê, têm força para transformar um campo inteiro", define Lizandra Mangano, presidente da Libre. "Receber bem as novas gerações amplia o público do livro e renova o próprio mercado, e a programação reúne vozes dispostas a imaginar esse caminho", destaca a curadora e produtora do evento, Camila Perlingeiro.

A sexta-feira (6) é o Dia do Editor, dedicado às transformações do setor: o efeito das redes sociais sobre o hábito de leitura, o crescimento dos audiolivros, a circulação internacional da literatura brasileira e o papel dos clubes de leitura. Há ainda uma mesa sobre inteligência artificial, em que Tatiana Roque, da UFRJ, pergunta quem é remunerado quando uma máquina aprende com um livro.

O primeiro dia reserva também a homenagem mais aguardada: Silviano Santiago completa 90 anos com dois livros novos nas livrarias, e nenhum deles estava nos planos. Um ensaio biográfico sobre o autor, publicado pela Autêntica, começou como biografia — mas o biografado não permitiu. Já nas primeiras páginas, é Silviano quem interroga o jornalista João Pombo Barile sobre o propósito das entrevistas, e o livro vai sendo escrito nessa disputa. Foi durante essa pesquisa que Barile encontrou, numa caixa de papelão na biblioteca do escritor, o projeto gráfico de "XXXV – Silviano Santiago", livro de poemas escrito aos 35 anos, em 1971, e dado como perdido por mais de meio século. O projeto era de Hélio Oiticica, amigo de Silviano nos anos de Nova York: o artista recortou fotografias do poeta e compôs fragmentos do rosto com os vazios das páginas. A obra, com versos em português, francês e inglês, acaba de sair pela Pinakotheke. Os dois conversam no MAR às 17h30 de sexta, com mediação de Camila Perlingeiro.

No sábado, a feira recebe uma estreia transatlântica. A escritora cabo-verdiana Vanessa Yetu chega aos leitores brasileiros com "Velório de moscas sobre a carne" (Pallas, 144 páginas, R$ 52), primeiro livro dela publicado no país e obra que inaugura a Coleção Múcua, dedicada à literatura contemporânea africana com curadoria do angolano Ondjaki. "O olhar de Vanessa Yetu funciona como uma lente de precisão que habita paisagens humanas complexas e valoriza o silêncio de cada gesto", escreve Ondjaki na apresentação. Nascida na Ilha de Santiago em 1974, formada em Economia em Portugal e radicada em Angola desde 2004, a autora escolheu o sobrenome literário Yetu — "nosso", em línguas bantas — para lembrar que a escrita não é atividade solitária. Ela participa da mesa sobre leitura, tempo e território às 13h30, ao lado de Bianca Ramoneda e Felipe Charbel.

No fim de semana, a programação mergulha em temas sociais e culturais. No domingo, a roda "Onde moram os encantados" reúne Luiz Rufino, Rogério Athayde, Rai Soares, Ana Gibson e Juliana Franklin em torno das encantarias e dos saberes afro-brasileiros e indígenas na literatura.

Às 15h, o filósofo Renato Noguera, a editora Lizandra Magon e a escritora Renata Seldin discutem "A mulher hétero no mapa da fome" — os relacionamentos hoje, o que os aplicativos trouxeram de bom e de ruim para as aproximações, e o que a chamada crise da masculinidade e o empoderamento das mulheres têm a ver com isso. Noguera chega à feira com o livro "Por que amamos? O que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor" recém-escolhido pelo público para o Clube de Leitura CCBB, encontro que ele protagoniza no dia 11, no Centro Cultural Banco do Brasil. "O amor faz parte da nossa vida, mas isso não significa que saibamos amar: esse aprendizado exige escuta, reflexão e disponibilidade para mudar", afirma o autor, doutor em Filosofia e professor da UFRRJ.

A mesa "O Rio para além do cartão-postal", com Janaína Nascimento, Thais Velloso e Rafael Freitas da Silva, propõe uma geografia literária da cidade que começa nos subúrbios. Bráulio Tavares, Rodrigo Santos e Sandra Menezes discutem fantástico, horror e afrofuturismo. Martin Carnoy, da Universidade de Stanford, e Michael França, do Insper, debatem por que mais anos de escola não garantem as mesmas chances a todos. E Chico Alencar, Dani Balbi e Tainá de Paula fecham o domingo perguntando quais futuros para o Brasil.

A edição também ativa a economia criativa circular. Pela campanha "A Primavera floresce nas bibliotecas", na plataforma Benfeitoria, a Libre busca arrecadar R$ 50 mil para renovar acervos de 37 bibliotecas comunitárias do estado: 75% do montante vai para as bibliotecas, e os bibliotecários de quatro redes estaduais farão as compras durante a feira, com vouchers de R$ 1 mil.

Léo Ramos Chaves/Divulgação



com 90 anos recém-completados, Silviano Santiago é o grande homenageado da feira deste ano

Divulgação



Vanessa Yetu

Divulgação



Bráulio Tavares

Marcelo Hallit/Divulgação



Renato Noguera

SERVIÇO

primavera dos livros 2026

6 a 8/11, sexta a domingo (10h às 19h)

Museu de Arte do Rio - MAR (Praça Mauá, 5, Centro) Grátis

ENTREVISTA | **ELISA TOLOMELLI**

PRODUTORA

‘Não precisamos procurar fora aquilo que já construímos aqui’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Cerca de um ano e meio atrás, o Correio da Manhã abriu página para Elisa Tolomelli, uma das produtoras mais prolíficas do país falar sobre literatura, comentando sua experiência na escrita, com “E Lá Fui Eu” (editora Literate Books). Ela virou prosadora com esse livro de memórias – uma joia! - que serve de cartilha para quem quer aprender a filmar. Num piscar de olhos, em meio a novos projetos para as telas, como o esperado “Só Não Posso Dizer o Nome”, do artesão autoral mineiro Helvécio Ratton, o bichinho da prosa mordeu de novo, e ela publicou uma nova delícia de ler: “Cinema na Prática – O Método Elisa Tolomelli de Produção Executiva”. É um apanhado teórico, mas voltado para quem quer por a mão na massa.

Dos anos 1990 para cá, Elisa produziu de um tudo, de thrillers (“Berenice Procura”) a comédias (“Tire 5 Cartas”), numa trajetória profissional que tem “Central do Brasil” (Urso de Ouro da Berlinale de 1998) e “Cidade de Deus” (blockbuster indicado a quatro Oscars) em seu currículo. Antes trabalhou no inesquecível “A Menina do Lado” (1987), de Alberto Salvá, e rodou um longa-metragem, “Manobra Radical” (1991), joinha que arrastou galeras noventistas ao circuito, num tempo de seca da filmografia nacional.

O tantão de histórias que contou pelas telas e que viveu nos sets, sobretudo depois que fundou a produtora EH! Filmes, rende uma leitura daquelas que nos grudam nas páginas. O papo a seguir é sobre as descobertas que ela fez entre sujeitos e predicados, entre ditongos e tritongos, pondo “Ação!” e “Corta!” no papel.

Marcelo Magnani/Divulgação



“O cinema brasileiro tem uma trajetória de enorme potência criativa e uma capacidade de realização que não fica atrás das grandes cinematografias internacionais”

Neste segundo livro, de que maneira a intimidade maior com a palavra te permite enxergar melhor (e traduzir melhor) seu olhar sobre como se faz cinema?

Elisa Tolomelli - No meu primeiro livro, “E lá fui eu!”, exercitei uma forma de escrever muito próxima da maneira como eu falo. Foi algo natural, porque nunca tinha escrito um livro e escrevi do jeito que sabia. A resposta dos leitores foi muito positiva, tanto que o livro se tornou um best-seller. Muita gente comentou sobre a fluidez do texto, a facilidade da leitura, sobre começar a ler e não querer parar. Quando comecei a escrever “Cinema na Prática”, que é um livro mais teórico, quis preservar essa mesma linguagem. O desafio era encontrar uma forma simples e acessível de transmitir um conhecimento complexo: o raciocínio estratégico que a produção executiva exige. Acredito que essa linguagem aproxima o leitor do meu olhar sobre o cinema. Ao compartilhar a maneira como penso, planejo e tomo decisões para realizar um filme, procuro oferecer ferramentas para que cada pessoa desenvolva seu próprio olhar e seu próprio raciocínio de produção. Mais do que ensinar como eu faço cinema, quero ajudar o leitor a descobrir como ele pode fazer o seu.

O que mais dificulta - hoje, em tempos de IA - o ofício da produção executiva?

Eu não acredito que seja a inteligência artificial que determine as maiores dificuldades da produção executiva. O que mais dificulta o exercício da profissão é a falta de compreensão que produzir cinema exige, fundamentalmente, planejamento e gestão. Quando olho para trás, lembro de “Central do Brasil”, meu primeiro filme como produtora executiva, rodado em película de 35 mm. E penso em “Só Não Posso Dizer o Nome”, dirigido pelo Helvécio Ratton, meu trabalho mais recente, filmado em 4K e que chega aos cinemas neste mês de novembro. A tecnologia transformou profundamente a maneira como fazemos filmes. Saímos da película 35 mm para o digital, desenvolvemos câmeras e equipamentos cada vez mais sofisticados e agora temos a inteligência artificial ampliando nossas possibilidades de criação e produção. Essa evolução nos deu condições técnicas de realizar filmes no Brasil que não ficam atrás de nenhuma cinematografia do mundo. Mas existe algo que não mudou e não vai mudar nunca: todo filme, independentemente de seu tamanho, orçamento ou tecnologia empregada, precisa de planejamento e gestão. É isso que procuro transmitir em “Cinema na Prática”. As ferramentas evoluem, mas o/a produtor/a executivo/a precisa saber pensar a produção, estudar cada projeto, antecipar dificuldades, tomar decisões e gerir os recursos disponíveis.

Que casos marcantes talharam teu olhar e construíram o método de que você fala no livro?

Não acredito que tenha sido um caso específico, ou mesmo alguns casos, que construíram meu olhar e o método que apresento no livro. Foi o conjunto das experiências que vivi, produzindo filmes de diferentes portes, gêneros e propostas artísticas, somado a algo que considero fundamental para qualquer produtor executivo: a curiosidade e o estudo permanente sobre o fazer cinema. Agora, por exemplo, estou me preparando para produzir “A Fita”, um filme de terror, gênero em que nunca trabalhei e que estou empolgadíssima para explorar. Isso significa mergulhar em um novo universo, compreender sua linguagem e descobrir os desafios específicos que essa produção vai apresentar. Quanto maior o nosso repertório, maior a nossa capacidade de encontrar caminhos para realizá-lo.

Que filme estrangeiro recente mais te impressionou acerca da produção e o que dele poderia ser aplicado na construção de uma identidade brasileira de fazer longas-metragens?

“Uma Batalha Após a Outra”, do Paul Thomas Anderson. É um filme incrível pela construção narrativa e pela maneira como os diferentes elementos da produção se articulam, especialmente a trilha sonora, que considero espetacular. A música tem um papel fundamental na construção da tensão e do senso de urgência que atravessam o filme. Ela acompanha e pontua os momentos vividos pelos personagens, intensificando as emoções e conduzindo o espectador pela narrativa. Mas acredito que nós já temos uma identidade cinematográfica própria, plural e riquíssima, que se manifesta na diversidade de histórias, linguagens e formas de realização dos nossos filmes. O cinema brasileiro tem uma trajetória de enorme potência criativa e uma capacidade de realização que não fica atrás das grandes cinematografias internacionais. Podemos dialogar com o cinema do mundo inteiro, mas não precisamos procurar fora aquilo que já construímos aqui.

Que filme, de toda a sua obra, mais deu trabalho e, hoje, mais dá prazer?

muitos filmes me deram muito trabalho e muitos continuam me proporcionando um enorme prazer e orgulho, mas existem dois filmes que têm um lugar muito especial na minha história: “Central do Brasil” e “Cidade de Deus”. “Central do Brasil” é o meu filme do coração. Foi minha primeira experiência como produtora executiva em um longa-metragem. Filmamos no interior do Nordeste, em cidades muito pequenas e com pouca estrutura. Já “Cidade de Deus” foi uma produção de enorme complexidade, que exigiu muito de toda a equipe. A pré-produção levou quase um ano e me ensinou a importância de uma gestão eficiente, tanto de pessoas quanto de recursos. O que mais me impressiona nesses dois filmes é a longevidade. São obras que atravessaram gerações, continuam sendo vistas, discutidas e admiradas.

Beth Goulart incorpora o amor e os mistérios de Clarice

Peça une a escritora e quatro das suas personagens em apresentações gratuitas no Gama

Por Mayariane Castro

A atriz Beth Goulart apresenta, nestes sábado (7) e domingo (8), o espetáculo Simplesmente eu, Clarice Lispector, no Teatro SESC Paulo Gracindo, no Gama. A montagem, concebida, adaptada e dirigida pela artista, coloca em cena a escritora Clarice Lispector e quatro personagens femininas de sua obra. No sábado, o espetáculo será às 19h, e às 18h do domingo.

Os ingressos são gratuitos e serão distribuídos na bilheteria do teatro, a partir das 16h, em ambos os dias

Estrelado por Beth Goulart, o espetáculo estabelece um diálogo entre diferentes momentos da produção literária de Clarice Lispector. A dramaturgia utiliza trechos de livros, contos, entrevistas, depoimentos e correspondências da escritora para construir uma narrativa que aborda temas como amor, solidão, cotidiano, criação, morte e existência.

A atriz interpreta a autora e quatro personagens femininas: Joana, do romance Perto do Coração Selvagem; Ana, do conto Amor; Lori, de Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres, e uma mulher sem nome, do conto Perdoando Deus. Na encenação, essas figuras representam diferentes aspectos da trajetória e do pensamento da escritora.

Lenise Pinheiro



Atuação de Beth Goulart como Clarice conquistou alguns dos mais importantes prêmios do teatro

Abordagens sobre o amor

A escolha das personagens está relacionada à proposta de apresentar ao público as diferentes formas de abordar o amor presentes na literatura de Clarice. Joana representa o impulso criativo e a inquietação; Ana retrata uma mulher dedicada à família, cuja rotina é alterada por uma experiência no Jardim Botânico; Lori é uma professora que se prepara para descobrir e vivenciar o amor; enquanto a personagem sem nome apresenta elementos de ironia, inteligência e humor.

A montagem também incorpora reflexões sobre o silêncio, o vazio e o que a escritora denominava "instante-já", conceito relacionado ao momento de percepção em que uma experiência cotidiana ganha outro significado. Esses elementos são trabalhados por Beth ao longo da apresentação, que combina passagens literárias e reflexões sobre a vida da autora.

Mais de um milhão

O espetáculo estreou em Brasília, em 2009, e desde então passou por quase 300 cidades, alcançando um público superior a 1,3 milhão de pessoas, segundo a produção. A montagem também teve temporadas com ingressos esgotados na capital federal. A trajetória inclui premiações para Beth Goulart, que recebeu os troféus de Melhor Atriz nos prêm, que também premiou a peça como Melhor Espetáculo.

Dois anos de pesquisa para reviver escritora

Peça concretiza sonho da atriz de emprestar seu corpo e sua voz para dar vida à escritora

O processo de criação começou com dois anos de pesquisa sobre a vida e a obra de Clarice Lispector. Em seguida, foram realizados seis meses de preparação e dois meses de ensaios. Durante a elaboração do texto, Beth reuniu materiais da escritora e selecionou passagens que permitissem construir uma representação cênica de suas ideias e personagens. "Simplesmente eu, Clarice Lispector é uma ode ao amor, quando vou de encontro ao viés mais presente e importante da obra da Clarice na busca por esse sentimento, o mais sublime do ser humano", declara Beth

A relação da atriz com a literatura de Clarice começou na adolescência, quando teve contato com o romance Perto do Coração Selvagem. A leitura de Joana marcou sua aproximação com a autora e influenciou o desejo de levar sua obra ao teatro. Para Beth, interpretar Clarice representa a realização de um projeto pessoal de dar corpo e voz à escritora por meio da atuação. "Eu achava que não era compreendida. O que fazer com isso tudo dentro de mim, com esse processo criativo? Só Clarice me entendia", confessa a atriz.

Instituto Moreira Salles



Clarice Lispector é autora de clássicos como a Hora da Estrela

Na concepção visual, a montagem utiliza cenografia minimalista e iluminação para estabelecer um espaço em que autora e personagens se encontram. O cenário é assinado por Ronald Teixeira e Leobruno Gama, enquanto a iluminação é de Maneco Quinderé. A trilha sonora original, composta por Alfredo Sertã, tem referências musicais de Erik Satie, Arvo Pärt e Astor Piazzolla.

Para Beth, representar Clarice Lispector é realizar um antigo desejo: "Eu sempre acalentei essa vontade de um dia poder dar meu corpo, minha voz, minhas emoções para colocá-la viva em cena."

Bora fazer **games**?

GDV Festival deve reunir mais de mil participantes numa maratona de desenvolvimento de jogos

Por Mayariane Castro

Brasília recebe, nos dias 14 e 15 de novembro, o GDV Festival (Game Dev Festival), evento voltado ao desenvolvimento de jogos eletrônicos e à indústria brasileira de games.

A programação será realizada no SebraeLAB, localizado no Parque Tecnológico de Brasília (Biotic), com entrada gratuita mediante inscrição no site oficial. A organização estima reunir mais de mil participantes, entre desenvolvedores, estudantes, representantes de estúdios independentes, profissionais do setor e interessados no mercado de jogos digitais.

Durante os dois dias, o público terá acesso a palestras, oficinas, painéis, atividades de networking e experiências práticas relacionadas à criação e à produção de jogos. A programação também inclui exposição de projetos nacionais, uma maratona colaborativa de desenvolvimento e uma cerimônia de premiação dedicada a reconhecer produções brasileiras.

Independentes

Entre as atividades previstas está a Mostra Bring, espaço destinado à apresentação de jogos desenvolvidos por estúdios independentes do país. A iniciativa permitirá que os visitantes experimentem os títulos expostos e conversem diretamente com seus criadores sobre os processos de desenvolvimento, as propostas dos projetos e os desafios da produção nacional.

Outra atividade é a GDV Jam, maratona colaborativa na qual os participantes serão reunidos para desenvolver jogos. A proposta é estimular a criação coletiva, a experimentação de ideias e a integração entre profissionais e pessoas que estão ingressando no mercado. A atividade também busca aproximar participantes com diferentes conhecimentos e experiências na produção de jogos eletrônicos.

Prêmios

O festival terá ainda o GDV Awards, premiação voltada ao reconhecimento de jogos brasileiros em diferentes categorias. A iniciativa integra a programação de valorização da produção nacional e pretende ampliar a visibilidade de projetos desenvolvidos por estúdios e profissionais do país.

Divulgação



Festival terá palestras, maratona de desenvolvimento e premiações para estimular setor

Na área de formação, estão previstas oficinas práticas sobre modelagem 3D, level design e produção de jogos. Os conteúdos abordam etapas do desenvolvimento de games, desde a criação de ambientes e personagens até a organização dos elementos que compõem a experiência de jogo. A programação também contará com palestras e painéis conduzidos por profissionais do mercado, que deverão compartilhar conhecimentos sobre a indústria e as possibilidades de atuação no setor.

O GDV Festival é uma nova edição do Artcode Summit, realizado em 2024. A proposta mantém a iniciativa de reunir profissionais, empresas, estudantes e novos talentos para discutir o desenvolvimento de jogos e aproximar diferentes agentes da cadeia.

Fortalecimento da indústria dos jogos

Objetivo é aproximar e fortalecer o setor da diversão eletrônica

A reformulação do evento amplia o foco na indústria brasileira de games e na apresentação de projetos independentes.

Segundo Wenes Soares, organizador do festival, a iniciativa pretende aproximar profissionais, empresas e pessoas que estão começando no setor. A organização também busca criar oportunidades de colaboração e ampliar o acesso dos participantes a informações sobre o mercado.

Fortalecer a indústria

"O GDV Festival foi pensado para fortalecer a indústria brasileira de jogos, aproximando profissionais, empresas e novos talentos. Queremos dar visibilidade às produções independentes e criar um ambiente em que a troca de conhecimento e experiências se transforme em parcerias e oportunidades concretas para quem está começando ou busca crescer no setor", afirma o organizador. A realização é da CSJ Digital, da Associação Brasília Indie Games (Abring) e do Sebrae-DF. O evento integra ações voltadas à valorização dos jogos produzidos no Brasil e ao estímulo da atividade econômica relacionada ao desenvolvimento de games na capital federal.

A realização no Parque Tecnológico de Brasília também insere a programação em um ambiente voltado à inovação, ao empreendedorismo e ao desenvolvimento de negócios. A expectativa é que o encontro favoreça o contato entre estúdios, profissionais, empresas e estudantes, além de contribuir para a circulação de informações sobre oportunidades de formação, produção e atuação no mercado.

